

SemFor

Seminário de Formação do Cefapro

Avaliação e a Formação Continuada no contexto da pandemia

Cefapro de Rondonópolis – Mato Grosso
14, 15 e 16 de dezembro de 2020

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E GÊNEROS TEXTUAIS: A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO DIANTE OS DESAFIOS DA PANDEMIA

Gláucia Marcile de Oliveira Santos¹

Jeny Machado do Val Tavares²

Eixo Temático: Formação de Professores

Resumo: O ensino de língua inglesa para aqueles que possuem a língua portuguesa como primeiro idioma, sempre perpassou por desafios no contexto educacional. Com a ocorrência da pandemia neste ano de 2020, nota-se que este ensino precisa ser refletido, problematizado ou até mesmo reformulado. Neste sentido, este trabalho busca refletir sobre o ensino de língua inglesa neste contexto, considerando sua importância e o trabalho com gêneros textuais na perspectiva do letramento. A partir de dados bibliográficos, utilizamos de teóricos como Brait (2018), Buzato (2006), Figueiredo (2012), Luckesi (2000), Paiva (1996), Santos (2012) Soares (2009) e outros. Este estudo nos mostra a importância das relações dialógicas e de um ensino que produza conhecimentos que façam sentido para os alunos.

Palavras-chave: Língua Inglesa; Prática pedagógica; Letramento.

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre a formação de professores e as práticas pedagógicas que perpassam o ensino de uma segunda língua, diante do contexto em que estamos vivenciando, é fundamental para ampliarmos nosso olhar para novos horizontes, os quais estão imersos o uso das tecnologias de informação e comunicação.

¹ Mestranda no Curso de Mestrado em Educação. Linha de pesquisa: Linguagens, Cultura e Construção do Conhecimento: perspectivas histórica e contemporânea.

² Mestranda no Curso de Mestrado em Educação. Linha de pesquisa: Linguagens, Cultura e Construção do Conhecimento: Perspectivas histórica e contemporânea.

Aprender uma segunda língua a qual não temos amplo contato é um desafio. Tomando por base o aprendizado da língua inglesa nos ambientes educacionais, percebemos que por mais que os alunos da rede pública de educação, no processo de aquisição desta língua nas unidades de ensino, não saibam falar ou compreender o inglês, todos, de certa forma, já possuíram algum tipo de contato com este idioma.

O ensino de Língua Inglesa, conforme é exposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) na redação dada pela lei nº 13.415 de 2017 no Art. 26 da LDB nº 9.394/96, apresenta-se da seguinte forma:

§ 5º No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa.[...] §4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino. (LDB, 2017, s/p).

Assim, a LDB, efetua algumas alterações sobre o ensino de línguas, e a partir da data estabelecida na lei referida acima, coloca o ensino de língua inglesa a partir do sexto ano do Ensino Fundamental nas escolas públicas e particulares. Dialoga-se então, acerca do ensino de língua inglesa nas redes públicas, com vistas a compreender como se realiza o processo de ensino e aprendizagem desta língua.

Seja por meio de propagandas, anúncios, marcas, na realidade brasileira é perceptível o uso de estrangeirismo que vão surgindo e fazendo parte da nossa realidade comunicativa. Se perguntarmos aos alunos se eles conhecem alguma palavra que contemple a língua inglesa, muitos responderão afirmativamente. O mais complexo é, ensinar uma segunda língua que também se baseia em aspectos textuais e gramaticais, quando também percebemos as dificuldades apresentadas no país com relação à língua portuguesa.

Assim, apresentamos as perspectivas do ensino da língua inglesa voltado para os processos de interação social, apresentando também, diante os assuntos a serem abordados, o papel que os gêneros textuais desempenham no ensino de língua inglesa refletindo sobre a formação docente bem como às práticas pedagógicas.

2 O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PAUTADO NA INTERAÇÃO

A escola é o ponto de partida, o tripé que sustenta o ensino de uma nova língua. É neste ambiente que se possibilita um maior aprendizado da disciplina de Língua Inglesa, o

qual contribui para a preparação dos indivíduos para se inserirem na sociedade atual, podendo assim, compartilhar novos conhecimentos e ter a possibilidade de se relacionar com outros indivíduos que possuem traços linguísticos distintos.

Segundo Paiva (1996), “Aprender a Língua Inglesa hoje é tão importante como aprender uma profissão. Este idioma tornou-se tão necessário para a vida atual, que para conseguirmos aprimorar qualquer atividade profissional [...] temos que saber falar o inglês” (p. 19). Nesta perspectiva, a língua é capaz de reafirmar politicamente e definir a identidade de um indivíduo, tanto no âmbito social, quanto profissional.

Na contemporaneidade, vê-se a diversidade de línguas que circulam em todo o país e com isso é perceptível a necessidade de se interagir com outros diferentes tipos linguísticos além do português. Sob essa visão, é observada a importância de envolver o aluno em uma nova língua. Como é mostrado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998):

O distanciamento proporcionado pelo envolvimento do aluno no uso de uma língua diferente o ajuda a aumentar sua percepção como ser humano e cidadão. Ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social (BRASIL, 1998, p. 19).

O aprendizado de novas línguas possibilita aos alunos um conhecimento de mundo, pois “a localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. “Seu” mundo em última análise é a primeira e inevitável face do mundo mesmo” (FREIRE, 1922 p. 44), assim faz com que conheçam e respeitem as pluralidades linguísticas, valorizando novas culturas e tornando-se capaz de comunicar por meio de outra língua.

Segundo Paiva (1996) sobre a disseminação desta língua, esta é vista de duas formas, uma que faz a abordagem de sua propagação realizada através de veículos de comunicação, satélite e outros em que tem um posicionamento do desenvolvimento ocidental, de uma forma que não seja considerada neutra, e outra, uma disseminação por meio da neutralidade quanto os valores, fazendo que o idioma inglês seja uma “língua do mundo”.

A linguagem é observada nos mais diversos lugares e se não for analisada e absorvida pelos indivíduos de forma crítica, pode até ocasionar em uma perda de identidade cultural. Esta é uma das preocupações: a perda de identidade. Os estrangeirismos muitas vezes, tendem a serem banidos da escrita em alguns países, devido a este fato, o de incorporar

tanto o uso de uma língua a ponto de estremecer os valores identitários que advém desde a formação social e histórica de um povo.

Sobre a disseminação da língua em questão, é totalmente evidente a circulação da língua inglesa devido sua penetração nos vários países, assim como no Brasil. De acordo com Paiva (1996),

A língua inglesa circula entre nós como uma mercadoria de alta cotação no mercado. A importação de palavras estrangeiras atende muito mais a uma necessidade simbólica de identificação com a sociedade de grande poder político e econômico do que a necessidade de nomear novos conceitos e objetos (PAIVA, 1996, p. 26).

Esta nomeação de novos conceitos está presente no intenso uso da língua inglesa por todos os povos, as implicações deste uso são referidas como se a língua fosse uma “cotação no mercado”, que estaria sujeita também as desvalorizações. Uma das explicações para a desvalorização, seria devido a língua ou até mesmo algumas palavras da mesma, serem utilizadas por classes menos favorecidas, assim, poderiam “perder” o valor de serem utilizadas como uma “propriedade privada” das classes mais privilegiadas. Precisamos pensar a língua em sua amplitude social.

Reconhecer os aspectos sociais que a língua materna apresenta e aprender outro idioma, auxilia no desenvolvimento do letramento do aluno, pois este passa a saber produzir textos orais e escritos em sua língua e ao mesmo tempo, pode fazer o mesmo na língua estrangeira, utilizando de sua interação na sociedade de forma a fazer o uso de suas apreensões linguísticas, construindo e desenvolvendo seu discurso por meio de seus novos conhecimentos.

Dessa forma, o processo de aprendizagem da língua inglesa, implica nas construções sociais, sendo o responsável pela transformação e compreensão no que tange o ensino-aprendizagem do aluno, pois de acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 38), “as práticas de linguagem, [...], que dizem respeito à escrita e ao oral, realizam-se essencialmente em situação escolar”, sendo este o espaço de conscientização e inclusão no que concerne ao uso do discurso em qualquer situação de comunicação.

A língua inglesa, assim como a língua portuguesa, precisa fazer sentido para os alunos, criando significados que vão além de aspectos e significações linguísticas dicionarizadas. Por meio das relações sociais, as pessoas conseguem refletir e dar

significância às palavras, as quais segundo Orlandi (2020, p. 41) “[...] falam com outras palavras”, sendo assim, a base para a interação social.

Neste sentido, cada palavra possui um significado diante as realizações discursivas. E assim, também se estabelece o uso da língua inglesa, em que para os alunos, diante de seus contextos comunicativos as palavras passarão a ganhar significados. Pensando em todos os aspectos em que a linguagem pode ser amparada em cunho social, seja pautada na escrita, na leitura ou oralidade, evidenciamos aqui, os pensamentos de Vygotsky (1998) acerca deste último aspecto.

A função primordial da fala é a comunicação, o intercâmbio social. Quando o estudo da linguagem se baseava na análise em elementos, também esta função foi dissociada da função intelectual da fala. Ambas foram tratadas como funções separadas, até mesmo paralelas, sem se considerar a interrelação de sua estrutura e desenvolvimento (VYGOTSKY, 1998, p. 6).

Tendo como base os pressupostos de Vygotsky, que pensa a linguagem em sua função social, faz-se necessário então, explorar o trecho citado acima, com vista a repensar o ensino de língua que se entorna apenas em aspectos gramaticais descontextualizados. Assim, quando se trabalha apenas este item, corrobora para a visão de que a língua é apenas um aparelho analítico de palavras ou frases soltas, que se distanciam do contato interativo. Nesta ótica, é preciso problematizar o ensino de línguas.

Na ótica do ensino crítico de línguas estrangeiras, o professor, por meio de seu discurso e de suas ideologias, consegue questionar o ensino de línguas e possibilitar ao aluno, um olhar crítico e reflexivo sobre a mesma. Quanto à problematização do ensino, Figueiredo (2012) diz que:

Sendo assim, a problematização do ensino de línguas se concretiza não apenas nas provocações feitas pelo professor, mas também nas atividades que desafiam os alunos a pensar como se pode agir de forma diferente e, assim, vislumbrar possibilidades de mudança. (FIGUEIREDO apud PESSOA e FREITAS, 2012, p.60).

A problematização da língua é possibilitada através das ações críticas e reflexivas proporcionadas aos alunos por intermédio do professor, que através de sua prática, propõe a eles, pensar sobre suas ações na sociedade e transformar a realidade em que vivem, gerando conhecimentos e significados por meio dos usos sociais das palavras, pois (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106) “na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social”.

O conhecimento se constrói na relação educador e educando na transformação da realidade, mostrando que a língua ajuda a amenizar as desigualdades sociais quando utilizada criticamente, levando em consideração as questões culturais, sociais e políticas. Esse pensamento fica claro quando Freire (1987, p. 36) afirma que “educador e educandos [...], co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento”.

Com base neste ponto de vista, é necessário ensinar os alunos, dando a eles a possibilidade de ampliar e instigar a criticidade quanto ao uso da língua estrangeira, fazendo com que esta, seja não apenas um objeto de comunicação, mas de influência nas ações humanas e instrumento transformador da realidade, considerando a língua como prática social, que promove a cidadania e rompe preconceitos.

Desta maneira, quando se utiliza a língua vinculada às práticas sociais em sala de aula, aumentam-se as possibilidades de modificar-se o próprio meio social. Através da língua, do discurso, da crítica e da reflexão, o professor garante a mediação do conhecimento, vinculando o mesmo, às práticas crítico-reflexivas no ambiente educacional.

Os PCNs abordam que “Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução” (BRASIL, MEC, SEF, 1998, p. 20-21). Evidenciando a língua inglesa em uma abordagem interacionista, percebemos o quanto o ensino esteja voltado para essa roupagem.

Sabemos que diferentemente da língua portuguesa, em que os alunos já levam consigo para os ambientes educacionais sua língua e sua gramática internalizada, já sabendo comunicar por meio da oralidade, com a língua inglesa isto será diferente. Uma das principais metodologias utilizadas no ensino desta língua estrangeira é a repetição de palavras para que os alunos compreendam e aprendam sua pronúncia.

Sendo assim, trabalhar com a mediação, a fala, a escuta, e a exploração das palavras dentro de contextos que fazem parte da realidade dos estudantes é preponderante. Utilizar a estratégia de fala e escuta, baseando nestes contextos, faz com que os alunos interajam com o professor e registrem as maneiras de pronunciar as palavras. Sobre esta estratégia, Santos (2012) diz que:

14, 15 e 16 de dezembro de 2020

No cenário do ensino e aprendizagem da compreensão auditiva, fala-se de *collaborative listening* para se referir a situações em que a dicotomia *listener-speaker* se faz imprecisa: quando se interage com outras pessoas e, ao falar, “escuta-se” ao mesmo tempo o interlocutor a partir de suas reações verbais e não verbais de forma contínua e simétrica; ao se ouvir, “fala-se” registrando entendimento, compreensão, discordância etc (SANTOS, 2012, p. 247).

Com base nesse pressuposto, há uma maior capacidade do aluno registrar entendimentos por meio da fala e da escuta, elevando seus níveis de compreensão juntamente com suas capacidades críticas e reflexivas quanto o seu próprio aprendizado. Segundo Figueiredo (2012):

Ao se depararem com o novo conteúdo, os estudantes precisam entender o significado dos itens linguísticos, sua forma, pronúncia e como e quando são utilizados. Assim, nessa fase há o estabelecimento de uma situação por parte do professor, que pode usar excertos de filmes ou músicas, gráficos, tabelas, histórias em quadrinhos, pequenos textos ou diálogos idealizados por ele ou retirados do próprio livro didático [...] (FIGUEIREDO, 2012, p. 47).

Neste sentido, para que os alunos entendam o conteúdo em língua inglesa, é essencial que se explore os significados, as pronúncias das palavras e que se utilize metodologias que realmente contribuam para a melhoria do ensino-aprendizagem do aluno. Na visão de Figueiredo, o professor deve empenhar-se no aprendizado dos educandos, utilizando elementos que instiguem os alunos ao conhecimento, e estes elementos citados por Figueiredo (2012) incluem gêneros textuais, os quais fazem parte da temática a seguir.

3 GÊNEROS TEXTUAIS EM EVIDÊNCIA: COMO FICA O ENSINO FRENTE AO CONTEXTO DE PANDEMIA?

Faz-se necessário nas aulas de Língua Inglesa, trabalhar com gêneros textuais, pois estes dão ao aluno, diversas possibilidades de ampliar seu repertório oral, além do mesmo, poder encontrar na sociedade, formas de explorar os gêneros até mesmo no processo comunicativo. Segundo Brait (2018, p. 88), os gêneros discursivos [...] transitam por todas as atividades humanas e devem ser pensados culturalmente, a partir de temas, formas de composição e estilo. Isso significa que, além da atividade literária, todas as demais atividades implicam gêneros [...]”.

Deste modo, os gêneros se fazem presente em nossas atividades cotidianas e variam de acordo com os contextos de interação e comunicação. Ainda sobre as abordagens de Brait

(2018, p. 155) “[...] os gêneros incluem toda sorte de diálogos cotidianos bem como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica”. Assim, independente da faixa etária dos estudantes, os professores de língua inglesa, possuem a possibilidade de trabalhar com os gêneros textuais.

Como estes gêneros são parte do cotidiano dos alunos, escolher um que melhor se ajuste a compreensão da língua inglesa pode ser uma alternativa para que se estabeleça sentido às palavras. Isso recorre à perspectiva do letramento, que, segundo Soares (2009, p. 39) é “Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.”

Neste viés, o ensino de língua inglesa ao incluir em seu foco as práticas de letramento, abre a possibilidade aos alunos, a efetivarem suas práticas de leitura e escrita para as suas vivências sociais, utilizando da relação discursiva que estabelecem entre o eu e o outro. Agora, na atualidade, a reflexão que fica é: como desempenhar o ensino de língua inglesa em uma perspectiva discursiva, interacionista e que atenda as concepções de letramento durante este período de pandemia e isolamento social?

Para que se reflita sobre isto, é importante destacar as concepções de letramentos digitais, que segundo Buzato (2006)

Letramentos digitais (LDs) são redes de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais (computadores, celulares, aparelhos de TV digital, entre outros) para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais limitados fisicamente, quanto naqueles denominados online, construídos pela interação social mediada eletronicamente (BUZATO, 2006, p. 16).

Neste sentido, letramentos digitais compreendem não apenas a utilização de dispositivos digitais, mas o saber utilizar e apropriar dessas ferramentas para construir novos conhecimentos, sabendo como, porque e onde pesquisar, por exemplo. No entanto, é preciso pensar sobre o uso da tecnologia de forma crítica e reflexiva, apresentando-as aos alunos como um instrumento para construção do conhecimento.

No contexto em que estamos presenciando – contexto pandêmico – as tecnologias digitais ganharam força e se tornaram um dos principais meios de comunicação e interação. As aulas, acontecendo na modalidade online de forma remota, fez com que alunos e professores passassem a se adequar ao uso de ferramentas tecnológicas. E podemos dizer que,

nem todos os que estavam ou estão imersos neste meio, ainda atingiram o letramento necessário para a utilização dos aparelhos e das redes.

Pensando nos alunos das escolas públicas, esse letramento e apoderamento de objetos que fazem com que eles alcancem determinado aprendizado, não só em relação a língua inglesa, mas em todas as disciplinas, está se tornando um grande desafio para os professores alcançarem seus objetivos, pois muitos alunos não possuem as ferramentas tecnológicas necessárias para a interação no processo de aprendizagem que está acontecendo de forma remota.

Mas por outro lado, o professor precisa ressignificar sua prática pedagógica, neste momento pandêmico já pensando o pós-pandêmico, pois “o letramento pode desenvolver-se no cotidiano de forma espontânea, mas, em geral, ele se caracteriza como a apropriação da escrita que se desenvolve em contextos formais, isto é, no processo de escolarização”. (Marcuschi, 2007, p.39) processo este que está acontecendo em modalidade remota no ensino em geral, por meio das tecnologias de comunicação.

Assim, trabalhar na perspectiva do letramento digital e dos letramentos se mostra como sendo significativos para a contribuição com a aprendizagem. Fazer a relação com contextos sociais, fazer o uso da leitura, escrita e do letramento digital extrapolam os contextos escolares e já faz parte da realidade exposta e necessária no período de modernidade/ou pós-modernidade em que estamos inseridos.

Sob esta ótica, tendo a percepção de que as interações também são diferenciadas com relação ao contato face a face, o ensino de língua inglesa pautado no lúdico, voltado para a utilização de gêneros textuais que corroboram com as diversas práticas de letramento, apresenta-se como uma opção viável, durante e até mesmo antes das eventualidades atuais. Para se explorar a língua inglesa, a motivação dos alunos é preponderante e através de atividades lúdicas, baseadas em aula dinâmicas que explorem jogos, músicas, gêneros de modalidades diferentes.

Segundo Luckesi (2000, p. 46) “As atividades lúdicas são aquelas que proporcionam experiências de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, as quais não se restringem ao jogo e à brincadeira, mas incluem atividades que possibilitam momentos de prazer, entrega e integração dos envolvidos”. Mesmo que os alunos estejam ambientados de forma virtual, o

professor, ao amparar-se na ludicidade, continua por estabelecer com seus alunos um processo interativo.

Explorando a ludicidade então, por meio de ferramentas digitais e gêneros textuais, intensificam-se as possibilidades de ampliação das práticas de letramento, o que exige formação contínua assim como o exercício da práxis pedagógica. Desta forma, trabalhar na perspectiva dos letramentos múltiplos, englobando os digitais - que inclui aqui, não só o saber usar as ferramentas, mas refletir sobre elas – abre oportunidades para que os alunos façam a leitura de mundo, assim como da realidade que os cercam.

4 CONSIDERAÇÕES

Embora os conhecimentos linguísticos do nosso país estejam baseados na língua portuguesa, os processos em que se estabelecem as interações linguísticas por meio do discurso e relações sociais em língua inglesa, também podem ser ampliados e cada vez mais significativos.

Mesmo os alunos conhecendo e até fazendo o uso de palavras de língua estrangeira, esta, ainda não se efetiva de maneira ampla nas interações comunicativas de estudantes falantes da língua portuguesa. Ensiná-la de forma a contemplar as realidades dos alunos por meio de gêneros de textos e atividades lúdicas são importantes para uma maior assimilação desta segunda língua, diante de todos os contextos, assim como na situação de pandemia.

Para que realmente haja um ensino de qualidade, é de suma importância que os processos de ensino e aprendizagem estejam voltados para a mediação de conhecimento e relações dialógicas, no sentido de que a língua se problematiza, se transforma e cria sentido nos contextos em que ocorrem a comunicação.

Isto posto, é preponderante que o ensino desta língua estrangeira também abra possibilidades para que os alunos possam compreender que há existências também de variações, assim como ocorre com a língua portuguesa, para que, possam criar uma consciência autônoma e mais desmistificada com relação aos aspectos de variação.

Por este motivo, mesmo sabendo que pode haver um comprometimento das aulas de língua inglesa devido o número de aulas reduzidos, compreender os códigos linguísticos que fazem parte da língua inglesa nas escolas públicas é de grande relevância na construção do aluno nas diversas áreas da comunicação.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- BRASIL; MEC; SEF. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUZATO, M. E. K. **Letramento e Inclusão na Era da Linguagem Digital**. IEL/UNICAMP, 2006.
- FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Formação de Professores de Línguas Estrangeiras: princípios e práticas** / organizador, Francisco José Quaresma de Figueiredo. - Goiânia: Editora da UFG, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. In: LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) **Ludopedagogia - Ensaios 1: Educação e Ludicidade**. Salvador: Gepel, 2000.
- MARCUSCHI, Luis Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. Fala e escrita. In: MARCUSCHI, Luis Antônio. **Oralidade e letramento como práticas sociais**. 1ª ed. 1 reimp. Autêntica, 2007.
- ORLANDI, Eni. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13ª ed. Pontes Editores, Campinas, SP. 2020.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes: **Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e experiências**. Campinas, SP: Pontes; Minas Gerais: Departamento de Letras. UFMG, 1996.
- SANTOS, Denise. **Ensino de língua inglesa: foco em estratégia**. Barueri, SP: Disal, 2012.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (cols). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- VOLÓCHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2ª ed. São Paulo. Editora 34, 2018.
- VYGOTSKY, LEV S. **PENSAMENTO E LINGUAGEM**. 2ª ED. SÃO PAULO:EDITORA MARINS FONTES. 1998.